



COVID-19

Média de mortes é a menor desde março

Índice cai para 1.296 no Brasil, ainda alto, mostra consórcio de veículos de imprensa

PARA
ACESSAR
APONTE
O CÉLULAR
PARA
O QR CODE

AMEAÇA À SAÚDE PÚBLICA

Proibida no país, caça de animais espalha doenças

ANA LUCIA AZEVEDO
ala@oglobo.com.br

Assim como pacas, tatus e capivaras, o ser humano pode terminar vítima da caça. Novos estudos evidenciam que a atividade, proibida no Brasil desde 1967, ameaça a saúde pública. Isto porque caçadores acabam funcionando como elo entre microrganismos da floresta e os centros urbanos: podem carregar patógenos de novas e velhas doenças, como leptospirose e a raiva, que permaneceriam longe das cidades, controlados pela floresta.

Uma pesquisa inédita e ainda em curso dos cientistas Paulo Sergio D'Andrea, Gisele Winck e Cecilia Andreazzi, do Laboratório de Biologia e Parasitologia de Mamíferos Silvestres Reservatórios do Instituto Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz), já identificou 160 patógenos — entre vírus, bactérias, vermes, parasitas e fungos — em mais de 60 espécies de mamíferos caçados no Brasil. O foco do trabalho é detectar as doenças que podem ser transmitidas pelo consumo e a manipulação da carne de caça de animais silvestres.

Há motivos de sobra para preocupação (ver quadro ao lado). O contato com a carne de um animal infectado por coronavírus de morcego, na China, é considerado a origem mais provável da pandemia de Covid-19. Este mês, a OMS inclusive criou um painel para a chamada Saúde Única (conceito a partir da ideia de que sem equilíbrio na natureza não há saúde humana) e a caça é um dos principais temas.

ARAIVA DOS JAVALIS

Os cientistas da Fiocruz estimam que o número de patógenos seja muito maior do que o já identificado. Dos 160 listados, só dois reconhecidamente não são nocivos para os seres humanos, explica Gisele Winck. Entre os outros 158 estão os agentes causadores da febre maculosa, da leishmaniose, da leptospirose, de febras hemorrágicas e da raiva.

Esta última, considerada a mais letal das infecções por vírus, pois mata 99% de suas vítimas, foi o alvo de outro estudo, este com caçadores de javali, animal exótico que veio da Europa e se tornou praga no Brasil. Desde 2013, a caça do javali, chamada de "controle", é permitida. Mas até agora não teve significância

na redução da sua população.

— Qualquer contato com secreção ou sangue de animal infectado é um risco para a raiva. Associe isso à falta de anticorpos por vacina nos caçadores e temos uma situação extremamente perigosa. A mistura de javalis com anticorpos para a raiva com caçadores sem vacina é uma bomba-relógio — destaca o coordenador do estudo, Alexander Biondo, professor do Departamento de Medicina Veterinária da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Diferentemente do javali, que ataca humanos, não existe um só animal na fauna brasileira capaz de nos ameaçar, diz Biondo. Por isso, ele defende que "a caça é uma tradição cultural cujo lugar é no passado".

— O caçador traz doenças para ele, a família e a sociedade. É um semeador de futuras pandemias — frisa Biondo.

'O PERIGO ESTÁ PERTO'

Paulo Sérgio D'Andrea diz que mais de 90% dos patógenos conhecidos que afetam os animais silvestres não lhes causam problemas. O problema é o caçador, que rompe essa relação natural.

— É aí que as doenças acontecem e podem ser agressivas — enfatiza D'Andrea, vice-chefe do Laboratório de Biologia e Parasitologia de Mamíferos Silvestres do IOC/Fiocruz.

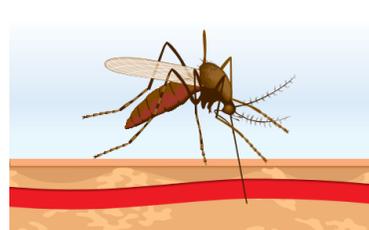
— É preciso que a sociedade discuta a caça e tenha ciência dos riscos que ela traz.

Elba Lemos, chefe do Laboratório de Hantavírus e Rickettsioses do IOC/Fiocruz, lembra que "o perigo está perto":

— As florestas dos municípios da Pedra Branca, dentro do município do Rio de Janeiro, têm morcegos com bactérias do gênero *Bartonella* e a *Coxiella burnetti*, a causadora da febre Q, uma doença letal. Temos um foco de peste bubônica em roedores numa área da Região Serrana, latente há 30 anos. O caçador vira caça também por meios indiretos. Um deles é o contato com presas vivas e mesmo partículas em suspensão. A poeira da urina seca e das fezes de ratos pode transmitir febras hemorrágicas com 60% de letalidade; se for contaminada por excrementos de morcego, pode trazer a histoplasmose, doença pulmonar grave. Além

COMO AS INFECÇÕES DE ANIMAIS PASSARAM A AFETAR O SER HUMANO

Nada menos que 75% das doenças surgidas nos últimos 40 anos são zoonoses, e a caça é uma das principais formas de propagação delas



DOENÇAS DA CAÇA

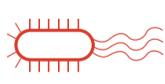
Estudo inédito dos cientistas Paulo D'Andrea, Gisele Winck e Cecilia Andreazzi, do Laboratório de Biologia e Parasitologia de Mamíferos Silvestres Reservatórios do Instituto Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz) já identificou 160 parasitos e patógenos em mais de 60 espécies de mamíferos caçados no Brasil.



Vírus

Muitas das doenças viróticas são conhecidas como febras hemorrágicas. Os vírus podem ser contraídos pelo ser humano tanto pelo consumo da carne de animais infectados quanto pelo contato com eles ou ainda quando os carrapatos ou mosquitos desses animais passam a infestar o homem.

Exemplos: Encefalites virais, Raiva, Hepatites, Febras amarela (Apeu, Caraparu, Changuinola, Guama, Itaquí, Marituba, Mayaro, Murutucu, Oriboca, Oropouche), Hantavírus e Arenavírus (caso do vírus Sabiá, hemorrágico)



Bactérias

Há numerosas infecções provocadas por bactérias encontradas em animais silvestres.

Exemplos: Anaplasmose e Erliquiose - Nos casos graves, podem provocar hipercoagulação, convulsões e falência múltipla de órgãos. Hanseníase - O tatu é o único outro hospedeiro da bactéria além do ser humano. Febre maculosa - Transmitida por carrapatos, causa dores e manchas e pode matar. Febre tifoide, Leptospirose. Peste bubônica - A pulga transmissora é encontrada em alguns animais silvestres. Influenza - Associada a aves.



Vermes

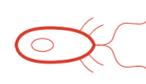
Hidatidose cística ou policística. Os cistos podem se alojar no abdômen (principalmente o fígado), pulmões, ossos, sistema nervoso, coração, rins. Em casos extremos, os cistos se rompem e causam choque anafilático.

Exemplo: Toxocaríase. As larvas podem atingir o sistema nervoso, coração, pulmões, olhos, fígado ou músculo.



Fungos

Dermatomicoses e esporotricose. Atingem a pele e podem causar lesões deformantes. Coccidioidomicose. Sintomas iniciais semelhantes aos da gripe ou da Covid-19 leves. Afeta os pulmões e podem matar. Paracoccidioidomicose. É a principal micose sistêmica do Brasil. Pode afetar pulmões, pele, boca, garganta e linfonodos. Também pode atingir fígado e baço. Histoplasmose. Atinge severamente os pulmões, mas pode lesionar outros órgãos. Meningite fúngica. Ataca o sistema nervoso central.



Protozoários

Criptosporidíase. Acomete o trato gastrointestinal. Babesiose (doença do carrapato). Sarcocistose. Leishmaniose. Causa graves lesões na pele (tegumentar) ou nos órgãos (visceral). Doença de Chagas e outras tripanossomíases (causadas por outras espécies do gênero *Trypanosoma*). Podem atacar os intestinos e o coração, dentre outros problemas.

Fonte: Estudo dos cientistas Paulo D'Andrea, Gisele Winck e Cecilia Andreazzi, do Laboratório de Biologia e Parasitologia de Mamíferos Silvestres Reservatórios do Instituto Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz)

Editoria de Arte



"O caçador traz doenças para ele, a família e a sociedade. É um semeador de futuras pandemias"

Alexander Biondo, professor do Departamento de Medicina Veterinária da Universidade Federal do Paraná (UFPR)

"Está mais do que na hora de deixarmos os animais viverem em paz. Nem que seja apenas para zelar por nossa própria paz"

Maria Ogrzwalska, pesquisadora do Laboratório de Vírus Respiratórios e Sarampo da Fiocruz

disso, muitos animais caçados podem não estar doentes, mas estão infectados.

— Assim que um animal é morto, seus parasitas, sejam pulgas ou carrapatos, pulam

imediatamente para os animais mais próximos, seja o ser humano ou seus cães.

Elba Lemos destaca que as doenças da floresta têm diagnóstico difícil e, por serem raras ou desconhecidas, podem passar despercebidas. Além disso, muitas vezes os sintomas podem emergir tempos depois da caçada e quase nunca são associados a ela.

Helia Piedade, especialista nas interações entre a fauna silvestre e a saúde pública, chama atenção para a amplificação da circulação do vírus da raiva e das rickettsias causadoras de febre maculosa, doença que, se não diagnosticada e tratada corretamente, chega a ter 85% de taxa de letalidade. As rickettsias, tipo de bactéria, são transmitidas por carrapatos.

— Os cães dos caçadores podem ser infestados por carrapatos de presas silvestres mortas, como capivaras. Os cachorros não têm sinais clínicos e, como circulam pela comunidade onde vivem, seus carrapatos se espalham. Quem não caça pode ser colocado em risco sem saber — salienta Piedade.

Ricardo Calil, presidente da Comissão Técnica de Alimentos do Conselho Regional de Medicina Veterinária no estado de São Paulo, assegura que a carne dos animais silvestres é cheia de doenças: — O brasileiro se horroriza com os chineses que comem morcegos, mas em nossa sociedade há quem considere uma maravilha se deliciar com um tatu, reservatório da bactéria da hanseníase, ou a paca, hospedeira dos vermes da hidatidose, que forma cistos no fígado e em outros órgãos.

HISTÓRICO PERIGOSO

O pesquisador da Fiocruz Ricardo Moratelli lembra que foram caçadores de chimpanzés que levaram à disseminação do HIV. Segundo ele, o número real de microrganismos potencialmente perigosos, como os coronavírus, em ambientes naturais, é "um universo ainda desconhecido".

Se investiga, por exemplo, a infecção por vírus respiratórios em jacarés e o Cantagalo, em capivaras. Vírus da mesma família do que causa a varíola, ele provoca pústulas em

mãos e braços de seres humanos. Porém, deixados em paz, esses animais nos ajudam a nos proteger de doenças.

— A pandemia nos mostrou a catástrofe que um único microrganismo pode provocar. Não podemos aceitar riscos totalmente evitáveis, como os trazidos pela caça — diz Morelli.

Maria Ogrzwalska, pesquisadora do Laboratório de Vírus Respiratórios e Sarampo da Fiocruz, diz que existem cerca de 70 espécies de carrapatos, que podem infestar todos os mamíferos, como tamanduás, capivaras, pacas e gambás, e também os cães de caçadores. Os carrapatos são transmissores da febre maculosa e da erliquiose.

Segundo ela, os vírus de animais silvestres são pouco estudados no Brasil. Existem, por exemplo, três espécies de coronavírus em suínos.

— É uma péssima ideia colocar as mãos, comer ou tocar esses animais. Está mais do que na hora de deixarmos os animais viverem em paz. Nem que seja apenas para zelar por nossa própria paz — diz Ogrzwalska.